

Educadores criticam programa

O programa de alfabetização anunciado pelo presidente Fernando Collor foi recebido com ceticismo e críticas por vários especialistas em educação. "Esperávamos que fosse apenas um item do projeto nacional de ensino que já deveria estar pronto", disse Antonio César Perri de Carvalho, pró-reitor de graduação da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Segundo os educadores, o programa só terá chances de vingar se o esforço do governo se concentrar no ensino básico.

Uma das principais críticas dos educadores foi a "falta de clareza" do plano. "A sociedade só participará como o

governo quer se entender o que ele pretende", considerou Carlos Vogt, reitor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). "Até agora só se falou em mobilização, participação e nada mais", disse Vogt. "São informações muito genéricas", concorda Carvalho, da Unesp.

Os educadores consideram o tempo estipulado pelo governo — quatro anos — curto demais. Para eles, mesmo que se consiga alfabetizar em massa, o sistema escolar ineficiente continuará gerando novos analfabetos. "Em quatro anos não se conserta a escola pública", afirmou Vogt. Para o professor Alceu Ferrari, presidente da Associação

Nacional de Pós-Graduação em Educação (Anped), o zelo com a escola pública é imprescindível. "A alfabetização em Cuba, usada como exemplo pelo governo, só deu certo porque amparou-se na rede de ensino já existente", afirmou Ferrari.

A idéia de utilizar professores leigos também não foi bem recebida pelos educadores. "Isso já foi feito e não deu certo", disse Celso Beisiegel, pró-reitor de graduação da Universidade de São Paulo (USP) e membro da Comissão do Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania. "Os professores têm de ser profissionais bem pagos", afirmou.